

ESTUDO DA ESTRUTURA DIPLOMÁTICA PORTUGUESA

Coordenação: Luís Moita, Luís Valença Pinto, Paula Pereira

Aprofundamentos temáticos: Fernando Amorim, Joaquim Ferreira Marques, Nuno Brito, Ângelo Correia, Luís Tomé, Sofia José Santos, João Paulo Feijão, Francisco Seixas da Costa, António José Seguro, Henrique Morais, Sandra Ribeiro, Filipe Vasconcelos Romão, Luísa Godinho

ESTUDO DA ESTRUTURA DIPLOMÁTICA PORTUGUESA

Edição: OBSERVARE – Observatório de Relações Exteriores,
Universidade Autónoma de Lisboa. Maio 2019.

Coordenação: Luís Moita, Luís Valença Pinto, Paula Pereira

Design e paginação: Rita Romeiras

Impressão: ACD Print, S.A.

Tiragem: 500 exemplares

ISBN: 978-989-8191-96-0

e-ISBN: 978-989-8191-97-7

Depósito legal: 456331/19

DOI: <https://doi.org/10.26619/978-989-8191-97-7>



A Cooperativa de Ensino Universitário, entidade instituidora da Universidade Autónoma de Lisboa, promove a produção científica em vários segmentos, valorizando a relação entre a comunidade académica e a sociedade. Desta forma, apóia a edição desta publicação, contribuindo para a divulgação do conhecimento.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	7
AUTORES E AGRADECIMENTOS	8
LISTA DE ACRÓNIMOS E SIGLAS	10
SUMÁRIO EXECUTIVO	11
O ATUAL CONTEXTO DA DIPLOMACIA E AS NOVAS CIRCUNSTÂNCIAS DA PRÁTICA DIPLOMÁTICA	21
OS GRANDES MOMENTOS DE TRANSFORMAÇÃO E MOBILIZAÇÃO	25
A DIPLOMACIA MULTILATERAL	29
Breve nota histórica (Calvet de Magalhães)	29
O sistema global	30
O âmbito europeu	31
Outras plataformas multilaterais	31
A ESTRUTURA DAS EMBAIXADAS BILATERAIS	33
Recordando os antecedentes (Fernando Amorim)	33
Dados comparativos	34
Os pormenores das representações portuguesas	36
Distinguir as embaixadas mais importantes?	38
Excesso ou insuficiência de embaixadas?	41
Menos embaixadas na Europa?	42
NOVAS FORMAS DE REPRESENTAÇÃO	45
Embaixadas radiais	45
Outro tipo de representações	48
Embaixadores temáticos itinerantes	50
Embaixadores “políticos”	51
O embaixador não residente (Joaquim Ferreira Marques)	52
NOVAS FORMAS DE AÇÃO DIPLOMÁTICA	55
<i>Smart diplomacy</i>	56
Diplomacia digital	57
Diplomacia multi-atores, paradiplomacia e diplomacia pública	58
A questão feminina	59
Diplomacia partilhada	59
Diplomacia nacional e diplomacia europeia (Nuno Brito)	60
Uma nova cultura organizacional	61

PARA ALÉM DA DIPLOMACIA POLÍTICA	63
A diplomacia económica	63
As soluções institucionais portuguesas (Filipe Vasconcelos Romão)	64
Uma possibilidade de reestruturação da AICEP (Ângelo Correia)	65
A diplomacia cultural	68
A estrutura consular	69
OS ADIDOS	72
OS ADIDOS DE DEFESA	73
OFICIAIS DE LIGAÇÃO DO MINISTÉRIO DA ADMINISTRAÇÃO INTERNA (Luís Tomé)	77
APROFUNDAMENTOS TEMÁTICOS	83
DO BILATERALISMO AO MULTILATERALISMO: UM DESEQUILÍBRIO NOVAMENTE REEQUILIBRADO? (Sofia José Santos)	85
POLÍTICA EXTERNA: MODELOS OPERATIVOS E CULTURA ORGANIZACIONAL PARA UMA NOVA DIPLOMACIA (João Paulo Feijóo)	91
EMBAIXADORES "POLÍTICOS" E DIPLOMATAS EM GOVERNOS PORTUGUESES (Francisco Seixas da Costa)	99
DIPLOMACIA PÚBLICA (António José Seguro)	105
DIPLOMACIA ECONÓMICA E GEOPOLÍTICA (excertos de artigo de Miguel Santos Neves)	109
A DIPLOMACIA ECONÓMICA REVISITADA A PARTIR DAS NOVAS VAGAS TECNOLÓGICAS (Henrique Morais)	113
CARACTERIZAÇÃO DO SECTOR EXPORTADOR PORTUGUÊS (Sandra Ribeiro)	122
O CASO DA AMÉRICA LATINA (Filipe Vasconcelos Romão)	125
O ESPAÇO VIRTUAL COMO CAMPO DIPLOMÁTICO (Luísa Godinho)	129
ESTUDOS DE OPINIÃO	137
AS PERCEÇÕES ACERCA DA DIPLOMACIA PORTUGUESA	139
INQUÉRITO AOS DIPLOMATAS	140
INQUÉRITO ÀS EMPRESAS EXPORTADORAS	153
SONDAGEM DE OPINIÃO PÚBLICA	166
DADOS ADICIONAIS DE INFORMAÇÃO	197

INTRODUÇÃO

Em 2017 o OBSERVARE (Observatório de Relações Exteriores), unidade de investigação da Universidade Autónoma de Lisboa (UAL) entendeu realizar um estudo sobre a estrutura diplomática portuguesa, incluindo aspetos ligados a procedimentos, e tornando muito claro que o objeto dessa investigação não integrava questões como a política externa de Portugal, a carreira diplomática ou a estrutura orgânica do Ministério dos Negócios Estrangeiros (MNE).

Não foi esta a primeira iniciativa do OBSERVARE neste domínio. Em 2002 um *dossier* do Anuário Janus foi dedicado à Política Externa Portuguesa, a edição de 2006 do mesmo Anuário foi inteiramente subordinada à Nova Diplomacia e em 2007 foi editado um livro sobre A Nova Diplomacia Económica: Análise e Perspetivas.

Naturalmente que para o estudo que agora se apresenta, reportado ao período posterior a 25 de abril de 1974, se teve como certo que o exercício correspondente não seria suscetível de ser conduzido com um mínimo de verosimilhança, atualidade e completude se não pudesse beneficiar do apoio do MNE, designadamente no tocante à disponibilização de dados objetivos.

Essa indispensável condição de base esteve sempre disponível. E de modo fácil e fecundo.

Mas algo que deve ser precisado é que o apoio do MNE se cingiu à facilidade na recolha de informação e não envolveu patrocínio ou qualquer espécie de apoio financeiro.

Nestas circunstâncias este estudo é um trabalho académico a que, como é devido, se procurou inculcar as necessárias características de independência e de rigor científico.

A metodologia perfilhada atendeu ao interesse em adicionar e cruzar informação de múltiplas proveniências e formas. De natureza científica, seja teórica, seja empírica.

Foram identificadas, pesquisadas e analisadas múltiplas fontes escritas, incluindo digitais, portuguesas e estrangeiras. Recolheu-se o testemunho e o parecer de personalidades de indiscutível experiência e mérito no campo da diplomacia e da vida pública portuguesa. Com a competente intervenção técnica de profissionais do setor e assegurando representatividade e fiabilidade, levaram-se a cabo três inquéritos de opinião. Um, orientado para o corpo diplomático nacional, proporcionando uma leitura de autoimagem da estrutura diplomática portuguesa. Dois outros, buscando hetero-imagens dessa mesma estrutura, por um lado a partir do sentimento existente na opinião pública e, por outro, baseado na perspetiva de relevantes exportadores e operadores de turismo nacionais. Com base em *big data* referidos a um período de tempo conferente de expressão válida, procurou-se ainda um outro prisma do olhar da sociedade sobre a diplomacia. E, como é natural, foram também requeridos e obtidos de vários académicos importantes contributos teóricos e conceptuais.

O trabalho que agora se divulga é o reflexo de toda essa multifacetada investigação.

AUTORES

ÂNGELO CORREIA, Doutorado em Ciências dos Estudos Estratégicos (ISCSP), onde lecionou como Professor convidado, Engenheiro químico industrial (IST), Gestor e empresário

ANTÓNIO JOSÉ SEGURO, Mestre em Ciência Política, Professor Convidado da Universidade Autónoma de Lisboa, Investigador do OBSERVARE

FERNANDO AMORIM, Professor Auxiliar e Professor Especialista na UAL, Investigador associado do OBSERVARE

FILIPE VASCONCELOS ROMÃO, Professor da UAL, Investigador do OBSERVARE, comentador da RTP e presidente da Câmara de Comércio Portugal-Atlântico Sul

FRANCISCO SEIXAS DA COSTA, Embaixador aposentado, docente convidado da UAL

HENRIQUE MORAIS, Professor Auxiliar na UAL e investigador no OBSERVARE

JOÃO PAULO FEIJÓO, Consultor, Professor convidado na UAL, coordenador da área de Capital Humano na Autónoma Academy e investigador no OBSERVARE

JOAQUIM FERREIRA MARQUES, Embaixador

LUÍS MOITA, Diretor do Departamento de Relações Internacionais da UAL e da unidade de investigação OBSERVARE

LUÍS TOMÉ, Professor Associado na UAL, Coordenador Científico do OBSERVARE e do Doutoramento em Relações Internacionais: Geopolítica e Geoeconomia.

LUÍS VALENÇA PINTO, General na situação de reforma, Professor catedrático convidado na UAL e investigador no OBSERVARE

LUÍSA GODINHO, Doutora e Mestre em Ciência Política na Université de Genève, Professora Auxiliar na UAL e investigadora no OBSERVARE

NUNO BRITO, Embaixador, Representante Permanente de Portugal junto da União Europeia

PAULA PEREIRA, Investigadora no OBSERVARE

SANDRA RIBEIRO, Doutorada em Economia pela Universidade Autónoma de Lisboa, Professora na UAL desde 1999, Investigadora integrada no OBSERVARE

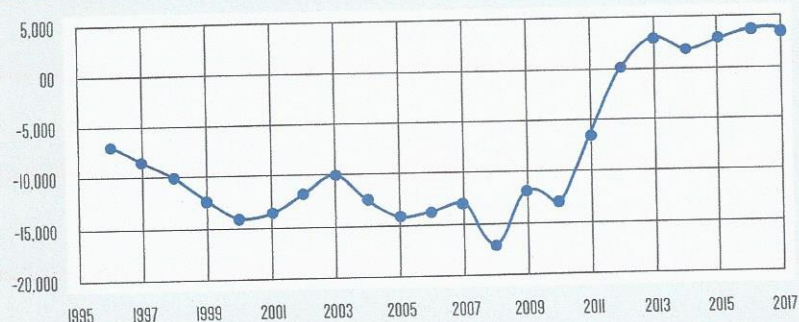
SOFIA JOSÉ SANTOS, Investigadora do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra e Investigadora Associada no OBSERVARE

CARACTERIZAÇÃO DO SETOR EXPORTADOR PORTUGUÊS

Sandra Ribeiro

A economia portuguesa é uma das mais abertas da União Europeia, tendo conseguido inverter, nos últimos anos, os sucessivos défices da balança de bens e serviços registados ao longo das últimas décadas. Como podemos observar no gráfico abaixo, o saldo da balança comercial (composta por bens e serviços) apresentou desde 2012 um ligeiro excedente, tendo, em 2013, reforçado esse saldo positivo. De salientar que desde 1943, altura em que o país se encontrava em plena ditadura liderada por António Oliveira Salazar, que a economia portuguesa não registava um excedente comercial. O longo período de 69 anos foi finalmente interrompido em 2012.

GRÁFICO I – BALANÇA COMERCIAL PORTUGUESA DE 1996 A 2017



Fonte: Por elaboração própria (dados INE)

A maior parte das trocas comerciais portuguesas têm como destino os países da moeda única (onde Espanha é o principal parceiro comercial, quer a nível de exportações quer de importações), mas existem surpresas fora da União Europeia, principalmente no que concerne às exportações, sendo os EUA o quinto parceiro português ao nível das exportações e o nono ao nível das importações. De salientar que as exportações para Angola representavam, em 2007, 4% do total das exportações portuguesas e após um decréscimo muito acentuado neste valor de 2014 a 2016, voltou a aumentar, registando, em 2017, 3,3%.

FIGURA I – EXPORTAÇÕES PORTUGUESAS POR PAÍS DE DESTINO

	2017		2007		1997	
		%		%		%
PORTUGAL TOTAL	84 316		54 896		27 757	
Espanha	17 615	20,9	13 454	24,5	4014	14,5
França	11 297	13,4	7004	12,8	3859	13,9
Alemanha	9058	10,7	6731	12,3	4936	17,8
Reino Unido	8074	9,6	5404	9,8	3546	12,8
EUA	4662	5,5	2695	4,9	1636	5,9
Países Baixos	3598	4,3	1929	3,5	245	0,9
Angola	2787	3,3	2179	4,0	569	2,0
Itália	2655	3,1	2371	4,3	1015	3,7
Brasil	2192	2,6	816	1,5	406	1,5
Bélgica	2166	2,6	1488	2,7	2140	7,7

Fonte: Por elaboração própria (dados INE)

Como podemos observar pela figura I, Espanha sempre foi um importante parceiro comercial para Portugal, registando quase ¼ das exportações portuguesas em 2007, e quase 21% das mesmas em 2017. França desde 1997 que representa o destino de cerca de 13% das exportações. A Alemanha, que em 1997 era o principal parceiro comercial de Portugal, é agora o terceiro, representando cerca de 11% do total das exportações.

FIGURA 2 – IMPORTAÇÕES PORTUGUESAS POR PAÍS DE ORIGEM

	2017		2007		1997	
PORTUGAL TOTAL	80 805	%	67 796	%	35 932	%
Espanha	24 667	30,5	20 238	29,9	8450	23,5
Alemanha	10 482	13,0	8976	13,2	5129	14,3
França	6447	8,0	6024	8,9	3920	10,9
Países Baixos	4223	5,2	3111	4,6	214	0,6
Itália	4042	5,0	3498	5,2	2627	7,3
Reino Unido	3399	4,2	3563	5,3	2840	7,9
Bélgica	2394	3,0	1970	2,9	2569	7,1
China	1982	2,5	1052	1,6	218	0,6
EUA	1949	2,4	1590	2,3	1513	4,2
Brasil	1587	2,0	1698	2,5	639	1,8
Rússia	1560	1,9	560	0,8	253	0,7

Fonte: Por elaboração própria (dados INE)

No horizonte temporal apresentado, Espanha constituiu sempre o principal país de origem das importações portuguesas, Alemanha o segundo e França o terceiro. Na figura 2, podemos também constatar a dependência das importações portuguesas em relação à União Europeia.

Apesar de todo o esforço realizado para se diversificar o comércio internacional português, constatamos, quer ao nível das importações quer das exportações, que este continua extremamente dependente da União Europeia.

DESEQUILÍBRIO EUROPA VS RESTO DO MUNDO EM TERMOS DE EXPORTAÇÕES

Como já foi referido, é notório o desequilíbrio existente entre as exportações portuguesas para a Europa face ao resto do mundo.

FIGURA 3 – EXPORTAÇÕES PORTUGUESAS POR DESTINO

	milhões euros	%
EUROPA	64 667	76,7
União Europeia	61 469	72,9
AMÉRICA	8722	10,3
ÁFRICA	5928	7,0
PALOP	3649	4,3
ÁSIA	3519	4,2
OCEÂNIA E REGIÕES POLARES	282	0,3

Fonte: Por elaboração própria (dados INE)

Como podemos observar na figura 3, as exportações para a Europa representam, em 2017, 76,7% do total de exportações de Portugal. Logo de seguida está o continente americano possuindo 10% do total das exportações portuguesas. Assim, podemos concluir que os restantes cerca de 13% das exportações portuguesas estão distribuídos pelo resto do mundo (7% em África, 4,2% na Ásia, 0,3% na Oceânia).